

## DOIS MOMENTOS ANDALUZES (Two moments andaluzes)

**Christian Dennys Monteiro de Oliveira**

Prof. Do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Ceará (UFC)  
Campus do Pici - Bloco 911 - CEP 60455-760 – Fortaleza (CE) – Brasil  
Fone: (+55 85) 3366 9855  
cdmo49@yahoo.com.br

Os poemas aqui expostos lembram vivências (de chegada e debates) em viagem acadêmica por Andaluzia-Espanha, para realização de um projeto de pesquisa sobre o patrimônio geográfico regional. Na página seguinte reproduzimos o breve resumo da pesquisa que apresentamos para um informativo impresso do PET-Geografia, em novembro de 2011.

### DE VOLTA À URBÉTICA

Revi a Cidade  
Na noite da Conceição  
Um dia de festa, silenciosa  
Um prenúncio de tudo que os dias  
A mim, proporcionarão:  
Barulhos da imensidão  
Curti, então, o empate do Betis,  
Acolhi amigos e rotinas de estudo.  
Não percebi o tanto, contudo,  
O quanto meu mundo mudou.  
Por isso partir para o sono:  
Consolo e saudade  
Na perda do fuso, um porre de ideias;  
Conselho e coragem  
Por que esta Cidade  
Já fez pulsar todo meu Mundo:  
Além mar, o tronco de uma Giralda  
Colônia e clivagem  
Só vim buscar a parte melhor  
Da miragem o amalgama  
Que o tempo chamou de pilhagem.  
Só por deixar... aura, levitação.  
Aprendizagem de Sevilhanas puras:  
De Conquista flamenca e de Coração.

### O POETA E O REVOLUCIONÁRIO

O poeta é um revolucionário incompleto.  
Posto dar-se por satisfeito em seu projeto  
De ver-se, na tinta impressa,  
Fazer-se transformação do mundo  
O revolucionário por sua vez, no fundo  
Pinta, poeticamente,  
Nos seres distintos seu objeto  
Trazendo um ideal semelhante.  
Porém, no instante fatal,  
Esculpido por magia artesanal  
Quer fomentar modelagens,  
Multiplicar seu fractal e imagens reais  
O poeta vem e lhe pergunta:  
*Porque mais?*  
O revolucionário vai e lhe contesta:  
*Por que ainda é muito pouco!*  
Quantitativamente tem-se o pensamento de dois loucos;  
Qualitativamente quase nada se retém, no caos.  
E o equilíbrio é o fim dessa conversa besta!

Em fevereiro de 2010, propus um estudo de pós-doutorado para ser realizado sob a supervisão da Universidade de Sevilla (Departamento de Geografia Física e Análise Regional) Geopatrimônio dos Santuários Andaluces: Avaliação dos Lugares Simbólicos de Planejamento Turístico e Educação Geográfica. Já em maio do mesmo ano, fomos contemplados com a aprovação do projeto, pelo Edital de programas internacionais da CAPES em parceria com a Fundação Carolina de Espanha. E diante de todo apoio obtido no Departamento e Centro de Ciências, frente à concessão de um afastamento pelo período de set meses, para essa finalidade, tive o desafio e o prazer de realizar um estágio de pesquisa que vinculou-me definitivamente com os desafios da temática patrimonial, na Ciência Geográfica.

Os “lugares simbólicos” avaliados nesta investigação foram, portanto, as expressões ambientais e culturais de maior irradiação a partir do território da comunidade autônoma de Andaluzia: o Espaço do Doñana (unidade de conservação demarcada pelos recursos hídricos e biogeográficos do baixo rio Guadalquivir) e a Festa-Romaria pela Virgem do Rocío. Tal abrangência levou-me a caracterizar o estudo como uma investigação sobre o “geopatrimônio” desses dois “santuários” em alusão a crescente perspectiva da UNESCO em consolidar uma significação macro-geográfica para o turismo em espaços geológicos especiais, hoje reconhecidos como geoparque. Em território brasileiro e cearense, o Araripe, a exemplo desse processo tornou-se em 2006 o pioneiro nesta questão patrimonial.

Andaluzia possui 3 geoparques (sendo 1 em tombamento) e 145 áreas de uso restrito catalogadas, totalizando 21% proteção em 87 mil km<sup>2</sup> de extensão (equivalente a 60% do CE, com seus ínfimos 3% de proteção). Mas a escolha de Doñana (que não é um geoparque), para representar esta lógica de conservação intensiva, deve-se aos vínculos histórico-geográficos. Para se chegar à ermita da Virgem do Rocío, Doñana torna-se 4 grandes caminhos. Portanto, a ideia do estudo era interpretar a interdependência, conflituosa e sincrética do culto mariano popular, enfrentando os desafios da valorização ambiental em espaços protegidos.

No período de dezembro a fevereiro, nos dedicamos ao resgate bibliográfico e jornalístico, além de efetuar as primeiras visitas no circuito nas 8 províncias da Andaluzia. Entre março e abril, acompanhei a trajetória de preparação das irmandades, em Sevilla, Cadiz e Huelva. Também ministrei aulas na graduação (Geografia) e mestrado (Estudos Urbanos) na Universidade de Sevilla. Essa parte mais acadêmica incluiu eventos científicos, visitas técnicas ao Parque Doñana, e as áreas litorâneas e interiores do território andaluz, sempre observando a presença de elementos das tradições religiosas nas paisagens naturais e urbanas.

O final do trabalho (maio/junho) consolidou-se na aplicação de questionários em cursos de capacitação de docentes e técnicos e na observação participante de uma peregrinação de 9 dias com uma das irmandades (a de Sanlúcar de Barrameda, em Cádiz), que sustentam a devoção. Atravessei 110 km (ida e volta) do parque nacional fazendo o rito do “rocío” (caminho, orvalho e amanhecer, num só tempo). A vivência das questões patrimoniais, referenciadas pela dinâmica turística de Sevilla, foi decisiva para o trabalho ligar educação geográfica e o planejamento turístico destes santuários.

O estudo evidenciou a necessidade de articulação entre conservação ⇔ inovação ⇔ visitação, enquanto processos patrimoniais educativos. Não pela redução de conflitos socioambientais, ampliado em contradições contemporâneas. Mas pelo indispensável reconhecimento do patrimônio imaterial, como estratégia de uso ritual dos seus bens, no planejamento e na educação. Andaluzia nos mostrou como um rito sacro-profano tradicional re-cria mais vínculos protecionistas que um exaustivo trabalho de consciência ambiental escolar. Como fazer, no Brasil, para articular tais santuários de forma similar? Eis o maior desafio que entendo por “educação patrimonial”. Lo que passa es que vamos a ver..., diríamos conforme os espanhóis.

Trabalho enviado em Dezembro de 2011

Trabalho aceito em Dezembro de 2011